

# O Capitalismo contemporâneo e o Imperialismo<sup>1</sup>

André Morato Dias Cardeal<sup>2</sup>

## XIV Encontro Nacional de Economia Política

*"A Crise Financeira Mundial e as Alternativas de Desenvolvimento da América Latina"*  
*Sessões Ordinárias*

Área:

### 3. Economia Política, Capitalismo e Socialismo

#### 3.2. Capitalismo Contemporâneo

#### Resumo:

Este trabalho, a partir de um referencial teórico marxista, apresenta parte da investigação que fizemos acerca das características da economia mundial na contemporaneidade, buscando recuperar diversas contribuições feitas por autores que têm como referência a teoria marxista, de forma a ajudar no desenvolvimento deste importante matiz de interpretação da realidade, e a partir desta recuperação teórica, ajudar a compreender a sistema capitalista atual. Com os argumentos apresentados são contrapostas as teses dominantes que afirmam que a atualidade seria uma nova etapa do capitalismo, marcada por uma evolução suprema, sem precedentes, com características totalmente novas, e que se expressaria através da expansão das oportunidades, da dissolução das diferenças e das nacionalidades, da negação da etapa imperialista, pois o que se pode perceber através da análise da economia mundial, em especial com a deflagração da atual crise mundial, é que ao contrário da panacéia propagandeada pelas instituições multilaterais, a economia capitalista mundial é marcada, hoje, por aprofundamento da própria lógica do capitalismo, que, defenderemos, não é substancialmente diferente da que imperava no princípio do século passado.

**Palavras-chave:** capitalismo, globalização, imperialismo, dependência

#### Abstract:

This work, since a marxist theoretical reference, show part of the investigations that we developed about the characteristics of the world-wide economy in the contemporaneity, searching, recoup diverse contributions made for authors who have marxist theory as reference, for help in the development of this important shade of interpretation of the reality, and, from this theoretical recovery, help to understand the contemporaneity of the capitalist system. In such a way this work opposes the dominant thesis which affirms that the present time would be a new stage in the capitalism, marked by a supreme evolution, without precedents, with new characteristics, that would be expressed through the expansion of the opportunities, of the dissolution of the differences, of the nationalities, and the negation of the imperialist stage, because what can be perceived through the analysis of the world-wide economy, especially after the new global crisis, is that in contrast of the panacea promoted by the multilateral institutions, world-wide capitalist economy is marked today by the deepening of the proper capitalism logic, that we defend that is not so different of that which reigned in the principle of the last century.

**Key words:** capitalism, globalization, imperialism, dependence

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta alguns resultados e discussões da dissertação de mestrado, "Imperialismo, Dependência e Globalização: a contemporaneidade capitalista" disponível em: <[http://www.ufu.br/ie\\_dissertacoes/2007/15.pdf](http://www.ufu.br/ie_dissertacoes/2007/15.pdf)>

<sup>2</sup> Mestre em economia pela Universidade Federal de Uberlândia, [andre\\_morato@yahoo.com.br](mailto:andre_morato@yahoo.com.br).

## Introdução

Este trabalho, a partir de um referencial teórico marxista, apresenta parte da investigação que fizemos acerca das características da economia mundial na contemporaneidade, buscando, por um lado, recuperar diversas contribuições feitas por autores que têm como referência a teoria marxista, de forma a ajudar no desenvolvimento deste importante matiz de interpretação da realidade, e por outro, a partir dessa recuperação teórica, ajudar a compreender a contemporaneidade do sistema capitalista. Isso tendo como base uma realidade marcada por transformações na estrutura do capitalismo mundial, pela expansão da integração dos mercados, por transformações na base técnica, pela existência de uma única superpotência hegemônica e, dentre outras características, também pela derrocada do que existiu e foi chamado de “socialismo real”. Em um contexto no qual proliferam, nos mais diversos matizes de pensamento, diferentes interpretações sobre essa realidade, ou seja, sobre o sistema capitalista mundial.

Com os argumentos apresentados são contrapostas as teses dominantes que afirmam que a atualidade seria uma nova etapa no capitalismo, a globalização. Etapa esta, marcada por uma evolução suprema, sem precedentes, com características totalmente novas, e que se expressaria através da expansão das oportunidades, da dissolução das diferenças e das nacionalidades, da negação da etapa imperialista. Pois, o que se pode perceber através da análise da economia mundial, em especial com a deflagração da atual crise, é que ao contrário da panacéia propagandeada pelas instituições multilaterais, a economia capitalista mundial é marcada, pelo aprofundamento da própria lógica do capitalismo, que, defenderemos, não é substancialmente diferente da que imperava no princípio do século passado.

Tomamos como referencial teórico de análise a teoria clássica do imperialismo<sup>3</sup> e a teoria marxista da dependência, na forma como foi apresentada por Marini e Dos Santos<sup>4</sup>. Desta forma, passa-se a uma análise crítica do capitalismo contemporâneo, incorporando novas contribuições teóricas buscando verificar quais são as características dominantes da economia mundial de hoje.

Os autores marxistas clássicos, que foram os principais desenvolvedores da teoria do imperialismo, mostram que, já há cerca de cem anos, o capitalismo avançava à sua etapa mais elevada de desenvolvimento, com hegemonia do capital financeiro e dos monopólios. Através das análises feitas por estes autores, percebe-se que para a compreensão da economia mundial, cada uma de suas partes deve ser analisada levando-se em consideração o todo, na medida em que o desenvolvimento capitalista se dá de forma global, de forma desigual e combinada, em que a

---

<sup>3</sup> LENIN (1894 e 1984b), BUKHARIN (1984) e LUXEMBURG (1984 e 1984b).

<sup>4</sup> Tomamos como referência MARINI (1973) e DOS SANTOS (1970 e 1978).

expansão do sistema capitalista mundial se explica, fundamentalmente, pelas transformações ocorridas nas economias dominantes.

De forma complementar, a teoria marxista da dependência, que sugerimos seja entendida como um desenvolvimento da teoria do imperialismo, incorpora na análise o subdesenvolvimento ou o desenvolvimento dos países da periferia do sistema capitalista. É através dos elementos apresentados por esta teoria que se pode perceber que, ao contrário do que é propagandeado, o subdesenvolvimento não é a ausência ou a insuficiência de desenvolvimento, mas é sua parte integrante e necessária, de forma que as condições, ou as “vantagens” do capitalismo, não podem ser globalizadas, na medida em que a diferença, a precarização e a exploração de uns sobre outros, são parte da própria lógica capitalista.

A partir dessas observações deve-se ter em conta que a realidade de hoje não é a mesma de cem anos atrás, pelo menos em sua aparência ou na intensidade das manifestações, as características do capitalismo sofreram modificações. Dessa forma é necessário dialogar com estas características do capitalismo de hoje, que é justamente o que passamos a fazer, buscando agregar novos elementos para a análise da economia mundial e do modo de produção capitalista. Isso a partir da apreensão crítica de contribuições teóricas de alguns autores contemporâneos, em especial aqueles que têm como referencial a teoria marxista e como objeto o capitalismo de hoje.

## **1 – Algumas características do capitalismo contemporâneo**

Como aponta Carcanholo (2004) *“é impossível entender a lógica contemporânea de acumulação de capital em escala mundial sem observar a crise do capitalismo nos últimos 30 anos, assim como as respostas encontradas por ele na tentativa de recompor as condições de uma acumulação ampliada”*. Depois de vários anos de “prosperidade” (durante a “era de ouro” do capitalismo, ou o período do *Welfare State*), a economia mundial, o capitalismo, volta a sofrer a partir do final dos anos 1960 com uma crise generalizada.

Para Balanco (1999) os anos 70 mostraram que a tendência à queda da taxa geral de lucro se confirmava drasticamente, e a partir daí se desdobra um período marcado por crises recorrentes, instabilidade, incerteza e estagnação, no qual, para este autor o perfil cíclico da dinâmica capitalista sofreria sérias modificações, não mais demarcando explicitamente a trajetória clássica da alternância das fases expansionistas por fases recessivas. Dessa forma ocorreria que no início da década de 80 a dinâmica capitalista passaria a ser marcada pela busca de melhores condições competitivas e a solução colocada em perspectiva foi a de reverter a queda das taxas de lucro por meio de um intenso processo de desvalorização da força de trabalho.

Assim, Balanco (1999) afirma que, “a receita” teria sido: desregulamentação dos mercados de trabalho, minimização dos mecanismos de proteção social, intensa reestruturação produtiva,

especialização produtiva flexível, adoção de novas formas de organização das empresas, privatização de empresas estatais e, como importante função estratégica, a liberalização dos fluxos de comércio exterior. E “o resultado” que proveio deste processo teria sido: desindustrialização e crescimento espetacular do desemprego na Europa com conseqüências semelhantes para algumas regiões periféricas (como a América Latina), enquanto em outras, como o foi o caso dos Tigres Asiáticos, surgiria o que este autor chamou de uma nova industrialização, ou a reconstrução do exército de reserva de trabalhadores nos países centrais e utilização deste mesmo exército historicamente presente nos países atrasados com o objetivo de estabelecer a queda do valor do trabalho.

Tomando dados de Dumenil & Levy, Carcanholo (2004) chama a atenção para o papel de destaque que toma a transferência de recursos da periferia para o centro do capitalismo através da dívida (o que se acentua com a crise da dívida externa dos países periféricos) e das remessas de lucros e dividendos das multinacionais, correspondendo a tal magnitude, que segundo dados apresentados por estes autores (DUMENIL & LEVY, 2004:24), no ano 2000, “*a renda financeira que os EUA retiraram de suas relações com o resto do mundo foi superior ao conjunto dos lucros de suas próprias sociedades em território americano*”. Enquanto isso, a expansão dos mercados necessária ao imperialismo se daria através dos acordos de “livre comércio”.

### **1.1 – A contemporaneidade e o conceito de globalização**

Utilizar o termo “mundialização” (ou como é mais comum no Brasil, globalização) confere ao processo uma conotação neutra, ou mesmo positiva, por traz da idéia de mundialização haveria quase um perfume de internacionalização. Na realidade existe, de certa forma, por razões e condições históricas, na época atual uma tendência a acabar com as regulamentações nacionais que dificultam o poder efetivo do imperialismo dominante.

Neste sentido há um processo de mundialização no sentido de mundialização da dominação sem limites do capital, o que não quer dizer sem contradições, isso se intensifica, mas não contrapõe o fato de que o capitalismo não esperou o final do século XX para se constituir em relação ao mercado mundial.

Não estaríamos, dessa forma, diante de uma mundialização abstrata, como se pretende. A dominação dos mercados financeiros não é outra coisa que não a expressão última da dominação do sistema social capitalista; é a sobrevivência do sistema capitalista, da relação de exploração que se esconde sobre o nome de capital; são as conseqüências, trágicas para toda a humanidade, da sobrevivência do regime de propriedade privada dos meios de produção na época do imperialismo. Desta forma tem-se uma história que ainda se encontra “aberta”, onde seguem vigorando os dois lados da alternativa de transição para a decomposição (a barbárie) ou transição para um modo de produção “superior” (o socialismo).

## 1.2 – A “evolução” das forças produtivas na contemporaneidade

O capitalismo manifesta uma contradição, reproduz-se crescentemente de um modo que dificulta a sua reprodução no período posterior. Como destacam Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, o próprio desenvolvimento das forças produtivas, ou o aprofundamento deste desenvolvimento (ocorrendo em moldes capitalistas) exaspera as contradições deste sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção. Isso porque tende a restringir as fontes de mais-valia, processo que a burguesia tenta contrariar pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas e pela busca de novos mercados (novas fontes de realização e apropriação de mais-valia). Essa dinâmica reforça a característica das crises cíclicas e tende a aprofundar estes movimentos.

A forma das relações de produção entre os homens e as relações sociais que os ligam uns aos outros condicionam o desenvolvimento das forças produtivas da humanidade. No sistema capitalista ocorre este desenvolvimento extremamente intenso da “aplicação tecnológica da ciência”, que por sua vez leva a uma formação social que, ao se assentar na abolição do trabalho alienado, abriria as possibilidades para o livre desenvolvimento das individualidades (MORAES NETO, 2005:125). Na situação atual, as relações de produção capitalistas expressam que, destaca Moraes Neto (2005:124), como já havia anunciada Marx, a noção de que o desenvolvimento do regime do capital levaria inexoravelmente a contradição entre forças produtivas e relações de produção, ou seja, a um confronto entre o “brilhanismo” do capital quanto ao desenvolvimento das forças produtivas e a mediocridade do capitalismo enquanto forma social. Como destacam Marx e Engels (1924) *“sob a propriedade privada, estas forças produtivas recebem um desenvolvimento apenas unilateral, tornam-se forças destrutivas para a maioria, e uma grande quantidade destas forças não podem sequer ser aplicadas na propriedade privada”*.

Chega-se em um momento do capitalismo em que o ser humano, em decorrência da evolução das forças produtivas patrocinada por este sistema, teria a possibilidade de *ir além*. O que só é impedido pelo próprio sistema, pela contradição entre a sua tendência de desenvolver as forças produtivas e seu caráter social destrutivo.

Passado este primeiro momento, ocorre que progressivamente, as formas que adotaram para conseguir a valorização do capital se contrapõem cada vez mais à satisfação das necessidades sociais. Mesmo com a evolução das forças produtivas (especialmente através da microeletrônica) a fase imperialista atual tem também como características, os monopólios, a indústria de armamentos, as guerras, o parasitismo e a especulação, que desempenham papel cada vez mais proeminente na produção de mais-valia e sua realização no mercado, tendo desastrosas conseqüências para a humanidade, pois contribuem para a acentuação da deterioração destas forças. Muitas das “novas

*invenções e os novos progressos técnicos não conduzem mais a um crescimento da riqueza material*” (TROTSKI, 1936), seja porque são voluntariamente ignorados e permanecem nos cofres dos bancos e das multinacionais, seja porque os investimentos necessários para que passem ao estágio industrial não seriam rentáveis para os capitalistas, seja, em fim, porque sua utilização destrói ou contribui para a destruição de milhões de postos de trabalho que não são substituídos.

O domínio da oligarquia, dos interesses vinculados as finanças, ao capital especulativo, dos fundos de pensão e investimentos, reforça a contradição que existe no desenvolvimento das forças produtivas. Como resposta à crise vivida pelo capital, a partir do final da década de 1960, este empreende algumas modificações na dinâmica mundial em comparação a época do *Welfare State*.

Para contrariar a redução da taxa de mais valia o capital encontra como alternativas, a ampliação da abertura comercial e da desregulamentação financeira, isso juntamente com uma pressão pela redução do “custo do trabalho”. Nesse processo, com a abertura comercial, ocorre uma grande destruição de forças produtivas, pois parte dos próprios parques industriais dos países periféricos são destruídos. Outra fonte de destruição dessas forças é o aumento da precarização do trabalho, que tenta retirar dos trabalhadores as conquistas que obtiveram na “época de ouro” do capitalismo. A desregulamentação financeira favorece os fluxos especulativos em detrimento dos investimentos produtivos, o que mais uma vez fortalece a tendência de queda da taxa de lucro (na medida em que a acumulação capitalista vem ocorrendo sobre bases fictícias), este é mais um elemento que pressiona pela deterioração das forças produtivas.

A dinâmica internacional, pós-abertura, demonstra que vem ocorrendo uma tendência a que se transfira parte das produções das multinacionais dos países centrais para os periféricos. Ao contrário de ser uma homogeneização do capitalismo, esse processo vem se mostrando como um dos mecanismos de “redução do custo do trabalho”, ou seja, o capital se transfere para um determinado lugar, onde os custos são menores, tendo como resultado o aumento do desemprego e também da desregulamentação no centro. A periferia, mesmo tendo países onde aumenta a produção e o emprego, não consegue contrariar a tendência que se apresenta de forma generalizada. Com características de mediocridade enquanto modo social de produção, as fortes taxas de crescimento dos índices especulativos e do produto interno bruto em uma dezena de países “emergentes”, não podem transformar em um desenvolvimento com futuro promissor, a miséria, a droga, as guerras e a decomposição que, desde o ponto de vista do “desenvolvimento humano”, são características da época atual.

De um lado a riqueza e de outro a imensa miséria são produtos de um mesmo processo, em que os lucros realizados na exploração dos países “endividados”, nas desregulamentações e reestruturações, nos diversos tipos de tráficos, buscam condições de valorização nas zonas de baixos salários (quase totalmente desregulamentadas) e nos campos especulativos. As

consequências da crise financeira da Ásia, que começa em 1997 e se estendem pelo mundo inteiro em 1998, mostraram na Coreia e Indonésia o caráter mais que efêmero de um “país do milagre econômico”, e por isso, a fragilidade de uma economia, de um capitalismo, em decomposição. Interessante observar que este sistema parece se apresentar mais forte do que nunca. Contribuem para isso a deterioração, “pasteurização”, dos grandes partidos de esquerda e dos sindicatos em escala mundial, dando continuidade ao refluxo pelo qual passam os movimentos sociais nesta época do imperialismo contemporâneo.

O momento atual de “evolução” das forças produtivas deixa aberta as alternativas à barbárie ou a transformação deste para um modo de produção superior. A barbárie se constrói através do fortalecimento da lógica especulativa, contrária aos interesses de desenvolvimento das forças produtivas, no aprofundamento da destruição do próprio planeta, com os “ataques” ao meio-ambiente, e as ditas “guerras humanitárias” e especialmente com uma pressão contra o próprio trabalhador, que é destruído diretamente por estas guerras, pelo aumento do desemprego e também pela deterioração das condições de trabalho (retrocedendo-se historicamente). A possibilidade de evolução para um modo de produção superior continua aberta e se fortalece através da superação da fase taylorista-fordista, abre-se com a microeletrônica possibilidades inimagináveis de desenvolvimento das forças produtivas, o que só pode se tornar um desenvolvimento destas forças em benefício da humanidade, do desenvolvimento humano e não apenas de uma classe, ou fração desta classe, se isso puder ocorrer com o trabalho livre da alienação e da exploração.

## **2 – O Imperialismo hoje**

Nascido a princípios do século XX, o imperialismo, fase superior do capitalismo, dominou-o do princípio ao fim. Mas, desde o momento em que está constituído o mercado mundial e a livre concorrência dá lugar aos monopólios, surge uma situação contraditória. De um lado, a produção, no marco dos monopólios, está amplamente socializada, pode ser racionalizada, permite a produção massiva de modo quase ilimitado, é técnica e economicamente capaz de satisfazer as necessidades vitais da humanidade. Por outro lado, dado que a propriedade dos meios de produção segue sendo privada, fazendo com que a apropriação (o consumo) seja também privada, o capitalismo encontra obstáculos para o desenvolvimento da humanidade e para o seu próprio desenvolvimento enquanto sistema de produção.

Reforça-se a tese de que a partir do século XX existem dois traços dominantes na economia mundial, a “transição para o socialismo”; e por outro lado, a “transição para a barbárie”, da qual pode-se ter uma imagem concentrada nas duas guerras mundiais, nos horrores do regime nazista, na atualidade da fome, nas desertificações massivas, nas guerras “humanitárias” e em outros

fenômenos de decomposição. A característica desta dupla transição é que, ainda hoje, ela segue estando inacabada por ambos os lados.

Ao tomar esta realidade, extraordinariamente complexa, pela qual passa a humanidade, o que impede que se dê uma definição acabada, completa ou definitiva, pois é um processo inacabado e contraditório, propõe-se neste trabalho a adoção do conceito “imperialismo senil”, imperialismo que se situa justamente na continuidade da análise clássica e em sua expressão de forma ainda mais plena na situação atual.

## **2.1 – A superexploração, ou a ofensiva contra o trabalho**

O sistema capitalista, o modo de produção baseado na propriedade privada dos meios de produção, se apresenta na contemporaneidade como um sistema que se utiliza da destruição da sua mais importante força produtiva (o trabalho) para buscar se valorizar. Isso por si só não seria novidade, pois a ofensiva contra o trabalho caracteriza toda a história desse regime. O que ocorre na contemporaneidade é que a “necessidade” de superexploração da forma de trabalho atinge níveis ainda mais elevados. O imperialismo como elemento de sua resposta a crise que adentrou a partir do fim da década de 1960, reforça seu vigor e retrocede ao passado buscado desestruturar as conquistas da classe operária, reforça esta superexploração onde ela já era característica (a periferia) e a “exporta” para o centro. E isso ocorre ao mesmo tempo em que parte da humanidade, como a África, fica totalmente a margem, a mercê do “desenvolvimento” da humanidade promovido pelo capitalismo.

Hoje o capitalismo “progride”, agravando todos os mecanismos de sua decomposição. É característica disso, mesmo sem considerar o desemprego não computado e a precarização do trabalho, o elevado nível em que se encontram as taxas de desemprego mesmo nos países do centro do capitalismo.

A crescente “necessidade” do capital de aumentar suas fontes de mais-valia conjugada com as limitações que atingem a expansão do mercado mundial faz com que a obtenção de mais-valia pelo mecanismo de sub-valorização do trabalho (mesmo sobre o ponto de vista da lógica capitalista) adquira crescente importância. Este processo, busca não apenas rebaixar o valor da força de trabalho mediante o aumento da produtividade, mas também reduzi-lo de maneira absoluta, diminuindo a capacidade de consumo dos trabalhadores, ameaça toda a humanidade trabalhadora ao reproduzir sua força de trabalho cada dia em condições mais “defeituosas”.

Ao invés de serem convertidas em capital produtivo adicional, com ampliação da geração de empregos, os lucros hoje, são obtidos em um processo inverso, a destruição de capital produtivo e de empregos constitui a forma de concorrência em que as empresas mais “flexíveis”, as mais “enxutas”, com maior produtividade, recebem uma parte crescente da mais valia social, mediante a



eliminação ou a dominação (no caso das subcontratações) de outras empresas. É dessa forma que uma das características da contemporaneidade é justamente a exacerbação da superexploração do trabalho e as contradições que advêm desse mecanismo.

## **2.2 – A dominação da especulação e a autonomização do capital financeiro**

A predominância dos mercados financeiros é uma das características dominantes do capitalismo imperialista nos dias de hoje. É importante observar que a noção de mercados financeiros resulta do modo em que o capitalismo vem tentando historicamente superar sua própria anarquia mediante a organização da produção. Os monopólios (cartéis, trustes, grandes grupos, hoje multinacionais ou transnacionais) substituíram as empresas individuais, de forma que o capital bancário se uniu ao capital industrial e já na época clássica do imperialismo a vida econômica se via dominada pela oligarquia financeira.

Mas neste processo em que o capitalismo vai substituindo, separadamente em cada Estado, os procedimentos anárquicos de sua produção por processos mais organizados, se acentuam na economia mundial as contradições da concorrência e a anarquia. A luta entre os grandes imperialismos conduziu a grandes guerras mundiais, sejam as guerras de conquista e saque, ou as “humanitárias” que se apresentam nos dias de hoje.

Como afirma Carcanholo, ocorre que o desenvolvimento desse processo faz com que todo rendimento obtido a partir de uma determinada taxa de juros apareça como o resultado da propriedade de um capital portador de juros. Assim, o indivíduo que empresta o dinheiro o percebe como capital, pois consegue que ele se valorize em determinado período, o que é chamado de *capitalização*. A “*capitalização seria assim a formação do capital fictício. A partir de um determinado rendimento que, aplicando-se à taxa de juros vigente, forma um montante de recursos (capital), independentemente do fato desse capital existir ou não (MARX, vol. V, 1996: 05)*” (CARCANHOLO, 2004).

Só que do ponto de vista da totalidade da economia, esse capital é ilusório, ou fictício. Pois tem como base a participação de títulos de crédito em rendimentos futuros, que podem nem se realizar, e, de forma agravante, este mesmo título pode ser revendido inúmeras vezes, tendo como base a mesma taxa de juros e em um mesmo montante de capital inicial, que pode nem completar o seu processo de circulação, ou seja, se realizar no mercado. O caráter autônomo que assume a circulação do capital fictício é explicitado no momento em que a cotação dos papéis (ações) supera o valor do capital industrial em que foi transformado o capital-dinheiro, e oscila com independência desse capital industrial em movimentos puramente especulativos (CARCANHOLO, 2004).

Assim, do ponto de vista individual trata-se de capital para seu proprietário, mas do ponto de vista do capital global é fictício. Entretanto, o caráter fictício desse capital não lhe retira

influência sobre a acumulação de capital; sua lógica interfere na dinâmica da acumulação. Essa interferência é, como a própria dinâmica capitalista, contraditória, dialética. A dialética do capital fictício está relacionada a sua (dis)funcionalidade para o processo de acumulação de capital (CARCANHOLO, 2004).

Com respeito a este processo de autonomização é importante observar, como faz Carcanholo (2004) que ele apresenta funcionalidade para o processo de acumulação de capital. Na medida em que o capital é centralizado pelo capital bancário (incluindo-se instituições financeiras não bancárias) isso permite que grandes atividades produtivas que de outra forma teriam que esperar muito tempo para serem implementadas possam entrar em operação. Esse processo também tem sua funcionalidade na medida em que libera maior montante de capital para o processo produtivo, que se despreocupa de outras funções.

A funcionalidade é, portanto, permitir maior acumulação global de capital e redução do seu tempo de rotação aumentando a taxa de lucro por período. Esse processo compõe uma das respostas dadas pelo capitalismo para sua crise. Entretanto, como aponta Carcanholo (2004), o capital fictício não produz apenas benesses para a dinâmica de acumulação de capital.

Esse autor destaca que na medida em que do ponto de vista individual esse capital não entra no processo produtivo, ele não pode produzir, por si só, mais-valia, apenas facilita o financiamento do capital produtivo. A lógica deste capital é a apropriação de excedente e não a sua produção, fazendo com que a lógica da apropriação de mais-valia seja expandida, em detrimento da produção do excedente, de forma que parcela cada vez maior do capital global procurará apropriar-se de um valor que está sendo produzido cada vez menos. Isso faz com que o resultado final, seja a redução da taxa de lucro e o aprofundamento da crise.

### **3 – As tentativas de resposta do sistema capitalista**

“(…) é verdade que, dos anos 60 para cá, o mundo mudou e mudou muito. Surpreendente? Mas não afirmávamos categoricamente, desde então, ou desde antes ainda, que o mundo não era estático? Na verdade, surpresos só podem estar aqueles que, acreditando que tudo muda, pensavam que a mudança fosse sempre em direção ao bem, à frente, ao alto. Eles acreditavam não na mão invisível, mas na mão todo-poderosa que nos conduziria inevitável e placidamente ao paraíso. Eles sim, hoje, estão surpresos e por isso optam pelo cinismo ou renunciam a pensar e portanto a viver; vegetam, por mais que cercados de prazeres materiais” (CARCANHOLO, 1996).

É fundamental destacar assim como faz Carcanholo (2004) que os anos 90 marcaram-se por reformas que não garantiram a retomada do crescimento, mas amplificaram a trajetória de estagnação, instabilidade e crise. Além disso, ainda foi aprofundado o grau de dependência das economias periféricas, que tiveram a competitividade de seus produtos reduzida em relação aos produtos importados, implicando em deterioração dos termos de troca, ao se elevar a dependência das economias em relação ao fluxo internacional de capitais e diminuir a capacidade de resistência

dessas economias a choques externos, dentro de um sistema financeiro internacional instável. Carcanholo (2004) destaca:

As respostas do capitalismo para tentar recuperar-se da crise nos últimos 30 anos impuseram aos países da periferia da economia mundial um acirramento da dependência. A única possibilidade de desenvolvimento capitalista periférico parte da superexploração da força de trabalho como forma de elevar as taxas internas de mais-valia. Dependendo da forma como for apropriada essa maior massa de mais-valia, o capitalismo periférico pode assumir uma dinâmica de acumulação travada ou “virtuosa”.

É sob esta mesma ótica que Souza & Cardeal (2006) apontam como este movimento de acentuação da lógica própria do capital não só reforça seu efeito perverso na periferia, mas também, transborda suas fronteiras e se acentua, permitindo a percepção de seus efeitos também no centro do sistema do capital. É neste momento que se intensifica a defesa da desregulamentação do mercado de trabalho, especialmente nas economias periféricas.

O mínimo de legislação trabalhista que chegou a existir é posto como algo que prejudicaria a rentabilidade e a competitividade das empresas (o “custo do trabalho”). Esse movimento tem conseqüências ainda mais graves na periferia, pois, o movimento de rebaixamento de salários, garantias e condições de trabalho, sempre foi bem mais acentuado na periferia capitalista, que historicamente apresenta uma média salarial bem rebaixada se comparada aos países centrais, além de nunca ter chegado perto das conquistas dos trabalhadores daqueles países.

### **3.1 – A queda da taxa de investimentos**

Pode ser percebido nas últimas décadas, marcadas pela especulação, um crescimento gigantesco dos capitais produtivos que são “engolidos” por esse movimento. Ao observarmos um indicador importante que trata da parte dos capitais que é destinada a produção (ao investimento), a formação bruta de capital fixo, pode-se perceber que há uma tendência à queda do investimento ao longo das últimas décadas. A proporção da formação bruta de capital fixo em relação ao PIB mundial decresce de 23% em 1970 para 20,4% em 2003; ao se observar a zona do Euro esse indicador decresce de 26,1% em 1971 para 19,8% em 2004; os números do Japão são ainda mais drásticos de 26% em 1970 a formação bruta de capital fixo desce para 23,9% em 2003<sup>5</sup>.

Ocorre que é reduzido o grupo de países que se beneficiam em virtude da constante movimentação de capitais em busca de maior lucratividade. Aponta-se uma tendência à redução das taxas de investimento produtivo, o que se percebe através da queda da relação entre a *formação bruta de capital fixo* e o PIB, principalmente nos países do centro capitalista. O imperialismo é marcado hoje por uma tendência à desacumulação produtiva. Mesmo que se propagandeie o desenvolvimento de um novo capitalismo “emergente”, com “aroma” chinês, coreano ou de outros

---

<sup>5</sup> Dados retirados do Banco Mundial – (WDI 2006).

lugares, o efeito destes países para o conjunto da economia não pode contrariar a lógica do sistema, ele apenas atenua temporariamente suas consequências.

#### **4 – A complexidade da estrutura do capitalismo contemporâneo**

Como aponta Ceceña (2004:112-113) o mundo contemporâneo tem dado demonstrações reiteradas da sua enorme complexidade. Esta autora afirma que as invasões do Afeganistão e do Iraque seriam sinais eloqüentes da força que representam valores não-mensuráveis como a cultura, a memória histórica, a religião e até o clima, para definir comportamentos coletivos. Segundo esta autora a força da economia e a superioridade tecnológico-militar não seriam suficientes para garantir resultados em empreendimentos dessas dimensões, mesmo sendo estas as principais ferramentas de dominação. Guerra e hegemonia não se garantem apenas econômica e tecnologicamente.

Se por hegemonia entendemos a capacidade de universalizar a própria concepção do mundo – segundo Gramsci – é evidente que a aceitação da liderança deve sustentar-se no convencimento de que, pelo menos, não há alternativa possível a ela. (...) A construção da hegemonia está mediada por uma materialidade que é a essência objetiva das relações de poder e de dominação (CECEÑA, 2004:113).

##### **4.1 – O imperialismo hegemônico**

Apresenta-se na contemporaneidade um processo de integração do sistema capitalista mundial sobre a hegemonia norte-americana, que, longe de arrefecer as contradições as torna maiores ao mesmo tempo em que cria novas contradições. A contradição entre a socialização da produção e o caráter privado da apropriação se manifesta no interior e no exterior dos Estados Unidos, e as contradições entre as burguesias dos países imperialistas só se tornam menores quando o interesse é defender o sistema diante de alguma alternativa.

Ocorre, hoje, uma preponderância dos Estados Unidos, é através de todos os acordos e das instituições internacionais, mas também através da manipulação das moedas, que o imperialismo americano dita suas leis em escala internacional. Com a quebra do padrão ouro, os Estados Unidos constituíram o privilégio exorbitante de controlar os parâmetros da economia de todos os países, em escala mundial, em função das necessidades do capital financeiro americano.

Hoje, a própria situação do imperialismo americano concentra todas as contradições do regime de propriedade privada dos meios de produção<sup>6</sup>. O capital financeiro só pode manter sua dominação com a condição, por uma parte, de fortalecer todos os mecanismos artificiais que impulsionam a economia, em particular mediante a dívida externa norte-americana amplamente

---

<sup>6</sup> Para Ceceña (2004:126) “apesar da potencialidade de algumas regiões do mundo, como a asiática (China e Índia principalmente), a européia ou a muçulmana, a reestruturação e a definição das estratégias dos Estados Unidos parecem indicar que o seu declínio como país hegemônico terá de coincidir com o do sistema em seu conjunto”.

financiada pelos capitalismos competidores e pela própria classe trabalhadora norte-americana e, por outra parte, com a condição de impor medidas de desregulamentação que buscam penetrar, a todo custo, nos mercados estrangeiros, substituir o capitalismo financeiro competidor dos outros países, deslocando, dessa forma, o mercado mundial (o que tende a repercutir na economia norte-americana, que só pode se “libertar” acentuando a pressão sobre os demais países e sobre a classe trabalhadora interna).

Perceber que os setores da classe capitalista norte-americana concentram as contradições da sobrevivência do regime da propriedade privada dos meios de produção implica perceber, também, que mais do que nunca não se pode falar de um superimperialismo capaz de superar e regular as contradições de minam a própria sobrevivência do regime baseado na expropriação da mais-valia. Não há superimperialismo, apenas o capitalismo mais poderoso, imerso em um processo de desagregação. Não há possibilidade de assentar o seu domínio sobre a base da estabilização da economia mundial, nem mesmo da norte-americana. No próprio seio do capital financeiro, há interesses conflitantes e há setores que lutam entre si. Todos enfrentam a contradição fundamental do regime de propriedade privada dos meios de produção, que, para sobreviver, deve golpear a classe trabalhadora destruindo a própria fonte geradora de mais-valia. Processo que também se intensifica através das crises de superprodução. Mesmo para o imperialismo mais poderoso, essa contradição está presente e coloca em xeque a prosperidade deste sistema.

#### **4.2 – A funcionalidade da periferia**

A funcionalidade da periferia assume especial relevância ao se tomar a afirmação de que, como aponta Carcanholo (2004), quanto maior o excedente gerado via aumento da taxa de mais-valia (obtido através da ampliação da superexploração da força de trabalho) maiores são as condições de acumulação acelerada do capital.

Este autor destaca, entretanto, que quando a lógica de apropriação de excedente se amplia, sob a lógica do capital fictício (ou seja, sob a lógica de “quem” não contribui diretamente na produção desse excedente) a mais-valia passa a ser apropriada cada vez mais em termos financeiros do que produtivos. E quanto maior a remuneração financeira em comparação à produtiva, maior é o incentivo à transferência de recursos (de capitais) para a esfera financeira/especulativa, fazendo com que mais capitais operem segundo a lógica do capital fictício. *“Isso deprime ainda mais a taxa de lucro do capital produtivo, uma vez que se tem menor produção de excedente, definindo um círculo vicioso de acumulação de capital travada”* (CARCANHOLO, 2004).

Enquanto o capitalismo apresenta indícios de crescimento a funcionalidade do capital fictício pode ser percebida, de outra forma a sua disfuncionalidade aprofunda a tendência aos momentos de crise e a intensidade dessas.

Essa dialética do desenvolvimento periférico permite entender, por exemplo, o que ocorreu na economia da América Latina durante os anos 90. Nos poucos períodos em que o capital fictício foi funcional à acumulação de capital, acelerando sua rotação e financiando investimentos produtivos, as economias apresentaram um leve crescimento. Entretanto, durante a maior parte do período, a região apresentou uma dinâmica de acumulação de capital travada, de forma que a elevação da taxa de mais-valia por intermédio da superexploração da força de trabalho não se transformou em maior ritmo de acumulação de capital, porque a apropriação financeira pelo capital fictício reduziu as taxas de lucro do capital produtivo, principal incentivo para a acumulação de capital (CARCANHOLO, 2004).

Perceber esta fragilidade das economias periféricas é importante, especialmente em um momento no qual essas assumem importância crescente, para o conjunto do sistema capitalista que busca dar resposta à sua crise ampliando suas taxas de rentabilidade. Essa dinâmica, de necessidade de maior exploração da força de trabalho para garantir a existência de excedente, é exportada para o centro do sistema, não porque como nas economias periféricas este excedente seja apropriado externamente, mas como uma resposta à diminuição deste excedente vivenciada no momento de crise capitalista que tem como expressão o decréscimo da taxa de lucro. Esse processo apresenta a tendência a se aprofundar, em especial em um momento em que a lógica da autonomização do capital fictício se prolifera, e juntamente com esta lógica, proliferam também as suas disfuncionalidades.

Os países imperialistas acabam buscando a ampliação do montante de mais-valia para se apropriarem, internamente através da ampliação da exploração do trabalho e externamente através da ampliação da parcela de mais-valia que apropriam das economias periféricas. Cabe destacar o papel das áreas de “livre comércio” que buscam aumentar as fontes de apropriação de mais-valia, de forma ampliada, pois além de terem o objetivo de ampliação de mercado atuam inclusive pressionando também por uma ampliação da superexploração da força de trabalho nas periferias, através da desregulamentação das conquistas da classe trabalhadora desses países.

O imperialismo mostra sua característica destrutiva, em especial em relação ao trabalho humano, o que, em escala global tem caráter ainda mais perverso onde as conquistas da classe trabalhadora não alcançaram as proporções que alcançaram nos países centrais do capitalismo. Sofrem também as consequências desse regime os países da periferia, que continuam propagando o mecanismo de desenvolvimento truncado, que é, e “deve ser”, limitado para permitir maior desenvolvimento nos centros do capital.

## **5 – O caráter atual do imperialismo**

A sistematização feita tenta dar conta de importantes aspectos da realidade concreta, que se manifesta através do sistema capitalista dos dias de hoje, ou como foi qualificado: imperialismo. Não qualquer imperialismo, mas um imperialismo que aguçou suas características destrutivas e deixou as possibilidades de revolução ou caminho constante rumo à barbárie em aberto. De forma

que a proposta desta parte do trabalho é buscar mais alguns elementos para enriquecer a caracterização deste sistema.

A partir daí pode-se tomar o entendimento de Boron (2004) ao afirmar que existiria um consenso geral de que o sistema imperialista mundial teria entrado em uma nova fase de sua evolução. Entretanto, rapidamente os noticiários e os representantes ideológicos do sistema buscaram um nome que tenha a característica de ressaltar suas maravilhas aparentes e cuidadosamente esconder sua essência: globalização.

Boron (2004) ressalta que vem ocorrendo uma grande concentração de riqueza, tecnologia e dos mercados em benefício das grandes corporações transnacionais americanas. Na era atual se acentuam a importância das ações militares, a concentração econômica, e a crescente tirania dos mercados financeiros, cujo dinamismo e implacável voracidade são responsáveis pelas características recessivas que vêm prevalecendo na economia mundial.

Segundo esse autor, noventa e cinco por cento de todo o capital que circula diariamente no sistema financeiro internacional, o que equivaleria a um montante maior do que os PIBs combinados de México, Brasil e Argentina, são puramente especulativos. Estes são capitais que ficam depositados por períodos não maiores do que sete dias, isto é, um período absolutamente incompatível com a possibilidade de investimentos de capital em algum processo produtivo que gere crescimento econômico e bem estar social.

Boron (2004) afirma que este capitalismo desencoraja investimentos nos setores produtivos, porque mesmo os capitalistas com maior pretensão de investir na produção de bens descobrem que é difícil resistir à tentação de alocar uma parte maior de seus estoques de capital na especulação de curto prazo, que se for bem sucedida, garantirá taxas de rentabilidade impensáveis no setor industrial. Isso acaba gerando desinvestimento nas atividades produtivas, recessão prolongada na economia, altas taxas de desemprego (devido ao fato de que nas operações especulativas não é necessário contratar muitos trabalhadores, nem construir fábricas ou preparar campos), um empobrecimento geral da população, crises fiscais (porque este é um mecanismo de acumulação que pode fugir dos controles de capitais, enfraquecendo a base de financiamento do Estado), e tudo isso, teria um impacto muito negativo para o meio ambiente e para o crescimento econômico.

Boron (2004) afirma que a globalização não pôs fim ao imperialismo, nem fez com que se transformasse em seu oposto. O que teria feito seria acentuar as características que tradicionalmente compõe esta fase do capitalismo, na base do aprofundamento da injustiça e da desigualdade tanto nas nações como no sistema internacional.

Os mecanismos tradicionais do imperialismo continuam operando: a extorsão de recursos naturais e de riqueza; a transferência do excedente da periferia para os centros do capital; o papel do capitalismo financeiro proliferou-se extraordinariamente; a concentração monopolista alcançou

níveis sem precedentes; e, sobretudo, persistem as instituições que no passado, quando se disse que o imperialismo estava em seu auge, tornaram possível a ditadura do capital sobre os povos e os países da periferia. Boron (2004) faz referência ao FMI, ao Banco Mundial, ao BID (Banco Inter-Americano de Desenvolvimento) e a OMC, instituições que longe de representar a comunidade internacional seriam os dóceis instrumentos das classes dominantes no nível mundial e principalmente do imperialismo de Estados Unidos

Para Boron (2002) os atributos fundamentais assinalados pelos autores clássicos seguem vigentes, na medida em que, o imperialismo não é uma característica secundária em uma política perseguida por alguns Estados, mas é uma nova etapa de desenvolvimento do capitalismo. Esta etapa seria marcada, hoje de forma mais clara que no passado, pela concentração da exportação de capitais e pela divisão do mundo em distintas “esferas de influência”.

A aceleração do processo de mundialização que aconteceu no último quarto do século passado, a quilômetros de atenuar ou dissolver as estruturas imperialistas da economia mundial, não fez outra coisa a não ser potencializar extraordinariamente as assimetrias estruturais que definem a inserção dos distintos países na economia mundial.

Enquanto isso, destaca Boron (2002): um punhado de nações do capitalismo desenvolvido reforçam sua capacidade de controlar, ao menos parcialmente, os processos produtivos em escala mundial, devido à financeirização da economia internacional e à crescente circulação de mercadorias e serviços a grande maioria dos países aprofundaram sua dependência externa, ampliando o hiato que os separa das metrópoles.

O processo pelo qual passa a economia mundial, que se pretende chamar de globalização, acaba por consolidar a dominação imperialista e aprofundar a submissão dos capitais da periferia, que ao contrário do que assinala Boron para os países centrais, ficam cada vez mais incapazes de exercer o mínimo de controle sobre os próprios processos econômicos domésticos. Como afirma Costa (2000) “*Nunca em sua história chegou a uma dinâmica em que a órbita financeira superasse de forma tão abrangente a produção, hegemonizando as relações econômicas internacionais e disciplinando a alocação de recursos até mesmo na esfera produtiva*”.

A natureza mais de fundo da globalização está ligada a uma nova fase do imperialismo, onde o grande capital busca reconfigurar novamente o mundo à sua maneira, tanto no plano econômico-financeiro, quanto no político, social, cultural e militar - num processo semelhante ao que ocorreu no final do século passado com a formação e posterior fusão dos monopólios bancários e industriais. No bojo desta ofensiva não só busca consolidar as corporações transnacionais como destacamentos avançados do sistema, como também pretende abolir direitos e garantias históricos conquistados pelos trabalhadores no último século e meio, numa espécie de vingança de classe estratégica (COSTA, 2000).

Ao analisar os anos pós 1970 em que o capitalismo tenta desmanchar as estruturas criadas no período conhecido como *Welfare State*, Costa (2000) levanta duas conclusões. A primeira delas seria que nenhuma conquista está garantida no capitalismo. “*Ao contrário do que acreditavam os*



*colaboradores de classe ou os ingênuos, o capital não se civilizou após a segunda guerra mundial*". Segundo esse autor teria ocorrido o contrário, a partir da conjuntura defensiva do movimento operário o capital reforça suas tendências de opressão e exploração, o que de acordo com Costa demonstra que os clássicos tinham razão ao afirmar que o capital, enquanto tal, não perde a sua essência exploradora.

A segunda conclusão, apontada por Costa (2000), é a de que, apesar dos duros golpes e derrotas, o capitalismo não teria se transformado numa opção consensual para a humanidade, nem teria destruído a perspectiva de uma sociedade sem exploração. Isso seria demonstrado pelas resistências da classe operária que se constroem e se apresentam pelo mundo em particular na América Latina.

Outros autores que também apresentam contribuições importantes acerca da manifestação e das características do imperialismo na contemporaneidade são Petras & Veltmeyer (2002). Para estes autores (PETRAS & VELTMAYER, 2002:112-113) construiu-se uma linguagem política e um discurso teórico para dissimular a atuação do imperialismo, especialmente dos Estados Unidos.

Os bancos e as companhias multinacionais que se apoderam das empresas produtivas, adquirem ativos, dominam os mercados e conseguem lucros graças à mão-de-obra barata. Isso em um processo em que estas empresas não são encaradas como agentes do imperialismo, mas são conhecidas agora como facilitadoras da globalização, da integração e independência crescente da economia mundial. A transferência de rendimentos do trabalho para o capital e sua intensificação são encarados como mecanismos de adaptação interna às exigências da economia mundial.

Esses autores ressaltam que nesse processo a compra e apropriação de ativos públicos estatais recebe o nome de "privatização". A eliminação de restrições aos investimentos estrangeiros, a liberalização dos mercados e a desregulamentação da empresa privada (todas estas políticas com o objetivo de elevar a taxa de lucro do capital) são consideradas como formas de "ajuste estrutural". A prescrição imperialista de políticas macroeconômicas é descrita como "estabilização".

Petras & Veltmeyer (2002:113) afirmam que a imposição de estruturas econômicas orientadas para a atração de capital estrangeiro, o apoio aos investidores e o aumento do controle sobre as forças militares e a política utilizam como pretextos campanhas contra as drogas, aparecem com a denominação de políticas de "mercado livre" ou "favoráveis ao mercado". A acomodação da organização popular do "terceiro setor", aos interesses e políticas do Estado imperialista, é qualificada como "boa governança" ou "fortalecimento da sociedade civil", sendo entendida como um fator importante para o "processo de desenvolvimento econômico".

A emergência, a importância que é dada para a "sociedade civil" é um aspecto que assume papel de destaque para a caracterização da realidade imperialista de hoje. Esta é uma "categoria"

que não é consensual nem definida com clareza, tem como característica confundir e levar a interpretação de que a sociedade atual não é mais dividida em classes<sup>7</sup>.

Al referirse a la “sociedad civil”, los defensores de las organizaciones no gubernamentales oscurecen la profunda división de clases, la explotación y la lucha clasistas que polarizan la “sociedad civil” contemporánea. Aunque analíticamente inútil y engañoso, el concepto de “sociedad civil” facilita la colaboración de las organizaciones y las permite orientar a sus proyectos y seguidores hacia relaciones subordinadas a los intereses de las grandes empresas a la cabeza de las economías neoliberales. Por añadidura, no es raro que la retórica de la “sociedad civil” de los directivos de organizaciones no gubernamentales sea una estrategia para atacar a programas públicos generales y a instituciones estatales que proporcionan servicios sociales (PETRAS & VELTMAYER, 2002:194).

O que Petras & Veltmeyer (2002:117) chamam de nova ordem imperial teria as seguintes características: *i.* grandes pagamentos a longo prazo de juros da dívida; *ii.* consideráveis transferências de benefícios obtidos das inversões diretas e através dos investimentos em carteiras; *iii.* aquisições e apropriações de empresas públicas e de firmas nacionais lucrativas, assim como investimentos diretos em exploração de mão-de-obra barata, recursos energéticos, manufaturas e serviços de trabalhadores mal pagos; *iv.* recebimento de direitos de uma ampla gama de produtos, patentes de bens culturais; *v.* e, balança comercial favorável baseada no predomínio das empresas e bancos estadunidenses na região e através da “familiaridade” com o mercado tradicional e das relações construídas historicamente.

Ao observar o que chamam de Novo Imperialismo, Petras & Veltmeyer (2002:214) destacam que ele não se apresenta, em sua forma, como “neocolonial”. Para eles o que estaria ocorrendo seria um controle executivo direto exercido sobre os funcionários (trabalhadores) latino-americanos. Para eles este “novo imperialismo” pretende fortalecer sua posição global mediante uma exploração mais intensa das economias periféricas. Processo que conta também com mecanismos ideológicos.

En el proceso, ha establecido dos nuevos vehículos para contener la agitación: una ideología de la “globalización” y la red de ONGs no lucrativas. La ideología induce engañosamente a los intelectuales a someterse a la “ola inevitable del futuro”, en tanto que la red organizativa les proporciona los medios de dismantelar el Estado nacional de bienestar (PETRAS & VELTMAYER, 2002:214).

Dando continuidade a interpretação da contemporaneidade, pode-se também considerar Harvey (2004) e o seu conceito de “acumulação por despossessão”. Em sua análise, Harvey (2004) destaca o papel das crises de superprodução, características do capitalismo, que se expressam como excedentes de capital e de força de trabalho que coexistem, sem que pareça haver algum modo em que possam combinar-se, de forma rentável, para realizar alguma tarefa socialmente útil. Desta forma, na medida em que não produzem desvalorizações sistemáticas (inclusive destruição) de capital e força de trabalho, devem encontrar formas de absorver estes excedentes. Para esse autor,

---

<sup>7</sup> Devido ao escopo deste trabalho, este tema não será aprofundado.

expansão geográfica e a reorganização espacial seriam opções possíveis, que, entretanto, teriam como complicadores a grande necessidade de investimentos de longo prazo em infra-estruturas físicas e sociais.

A partir do entendimento de que desde nos anos 1970 o capitalismo global experimenta um problema crônico e durador de super-acumulação, Harvey (2004) destaca que, como assinala Peter Gowan, “*fue través de la orquestación de tal volatilidad que Estados Unidos (EUA) buscó preservar su posición hegemónica en el capitalismo global*”. E observa que esta volatilidade do capitalismo internacional durante estes anos operou uma série de ajustes espaço-temporais que fracassaram em afrontar os problemas da super-acumulação, mesmo no médio prazo.

Como consequência deste processo a recente ofensiva do imperialismo americano respaldada na força militar seria um reflexo da debilitação de sua hegemonia frente às sérias ameaças de recessão e desvalorização generalizadas neste país<sup>8</sup>, o que contrasta com os diversos ataques de desvalorização que já haviam atingido outros lugares (nos anos 1980 e princípio dos 1990 a América Latina, e as crises ainda mais sérias que consumiram o Leste e Sudeste asiático em 1997 e que logo atingiram a Rússia e parte da América Latina).

“(...) la incapacidad de acumular a través de la reproducción ampliada sobre una base sustentable ha sido acompañada por crecientes intentos de cumular mediante la desposesión. Esta, según mi conclusión, es la marca de lo que algunos llaman “el nuevo imperialismo” (HARVEY, 2004).

Partindo de uma perspectiva parecida, Amin destaca os aspectos de senilidade do imperialismo de hoje. Este autor (AMIN, 2001) afirma que as tendências do capitalismo se articulam em torno da acentuação do que ele chama de os “cinco monopólios” que caracterizariam a mundialização que polarizaria o imperialismo contemporâneo, estes seriam: *i.* o monopólio das novas tecnologias; *ii.* do controle dos fluxos financeiros em escala mundial; *iii.* o controle de acesso aos recursos naturais do planeta; *iv.* o controle dos meios de comunicação; *v.* e o monopólio das armas de destruição em massa.

Para esse autor a implementação desses monopólios se dá pela ação conjunta, complementar, mas também conflituosa, do grande capital das multinacionais industriais e financeiras e dos Estados que se encontram a serviço destas empresas. Tomados no conjunto, esses monopólios definem novas formas do que Samir Amin chama de “lei do valor mundializada”, permitindo a centralização dos lucros provenientes da exploração dos trabalhadores em benefício do grande capital, exploração que seria diferenciada, fundada na segmentação do mercado de trabalho.

Nesta nova etapa de desenvolvimento, a lei do valor mundializada, não permitiria uma dinamização através da industrialização das periferias dinâmicas, pois funda uma nova divisão

---

<sup>8</sup> Essa crise mostra-se fortemente já agora em 2009.

internacional desigual do trabalho, na qual as atividades de produção localizadas nas periferias, subalternizadas, funcionam como subsidiárias do grande capital.

Para Amin (2002) a contemporaneidade capitalista é marcada pelo *“caráter senil do capitalismo e a necessidade de gerir o Mercado Mundial com uma violência inédita e cada vez maior – devido à característica senil do imperialismo coletivo”*. Este autor destaca que o desemprego estaria se alastrando, sem que o trabalho direto seja deslocado para um trabalho indireto, mas para o desemprego, ou seja, o capitalismo, como um sistema em expansão (da exploração) se expande de forma que seja assim que a capacidade de produção se desenvolva.

Amin (2002) aponta esta como sendo a primeira característica da senilidade do imperialismo. A expansão capitalista através do desemprego. A segunda marca de senilidade seria o fato dos EUA serem o único país que vive a custa da exploração dos demais, *“o centro de tudo – os EUA – não exporta capitais, só importa. É o único país do mundo que vive muito acima de suas capacidades – o que leva à definição de parasita, de um indivíduo senil –, que vive graças à pensão que recebe do trabalho dos outros”*.

A terceira característica do imperialismo se daria no nível ideológico. Para Amin (2002) este terceiro aspecto seria o abandono de uma cultura universal em prol da adoção dos valores e da cultura burguesa norte-americana. A quarta característica seria o abandono de uma referência universalista, de modo que o que o capitalismo estaria tentando fazer seria simplesmente subalternizar a indústria, por meio de uma política não qualificada, pois o discurso é legitimador de uma abertura à concorrência, de proteção do monopólio pelo reforço da propriedade intelectual e industrial.

E é assim, pela subalternização completa das indústrias da periferia. Portanto, quanto mais morta for a região, mais marginalizada, isto é, não tem mais a função de se integrar, não tem mais utilidade para o sistema de exploração capitalista, o que significa que o sistema capitalista não pode mais atender – nem falo das necessidades, mas da expectativa – a enorme massa de pessoas. É por esse motivo que passaram a usar, cada vez mais, os meios violentos. Mas essa também é uma característica de senilidade do sistema, que passa a produzir, seguindo sua lógica interna, de forma massificada, relativizando, isto é, tendo uma hegemonia política suficiente para as coisas se reproduzam por si mesmas e, assim, prolifera cada vez mais a violência (AMIN, 2002).

A economia mundial, o sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, o capitalismo, em continuidade às análises marxistas do princípio do século passado e aos desenvolvimentos dessas teorias, feitos especialmente pelos pesquisadores latino-americanos, que trataram do tema da dependência, se apresenta hoje de forma ainda mais dura, através da exacerbação da tendência a putrefação anunciada por Lênin, manifestando-se hoje como Imperialismo Senil. Senil porque coloca a prova a máxima *“socialismo ou barbárie”*, pois intensifica a natureza do capitalismo em sua fase imperialista.

O conceito apresentado e desenvolvido está em sintonia com as análises clássicas do imperialismo e também da teoria da dependência<sup>9</sup>. Este entendimento dá continuidade à interpretação do início do século passando na medida em que percebe a manifestação atual do sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção como a continuidade do processo que se inicia naquela época. Destacam-se a ampliação da superexploração e da destruição da força de trabalho, juntamente com a ampliação dos elementos “descobertos” pela teoria da dependência.

### **Considerações finais**

Uma das características do capitalismo é que se apresenta de forma marcante na contemporaneidade, é que para se manter, para se reproduzir, para contrariar sua crise de deterioração da lucratividade, este sistema, baseado na propriedade privada dos meios de produção, apresenta como alternativa a própria destruição da força de trabalho, principal força produtiva da humanidade. De forma que, longe de ser uma homogeneização das oportunidades entre os indivíduos, longe de ser uma sociedade que desfaz a diferença entre as classes, o capitalismo continua tendo sua dinâmica marcada pelo antagonismo entre as classes sociais. Seja através do aumento incessante da superexploração do trabalho na periferia (e de sua exportação para o centro capitalista), ou da destruição real e direta dos povos, através das guerras que chama de “humanitárias”. Para contrariar a dificuldade de realização e os constrangimentos da produção “real” de riqueza, o capital se “expande” de forma fictícia, o que resolve o problema da superacumulação na aparência e o agrava na essência.

As respostas que o sistema capitalista vem tentando dar para a sua crise, que se alastra desde os anos 1970, se manifestam através da ampliação do caráter parasitário deste sistema. O livre-comércio se mostra como uma ampliação das fontes de expropriação de riqueza dos países do centro sobre os da periferia (como é o caso do NAFTA) ou uma forma de facilitar a desagregação dos Estados Nacionais e dessa forma facilitar a desconstrução das conquistas históricas dos trabalhadores (como é o caso da UE), facilitando assim a expropriação de mais riqueza sobre a classe trabalhadora dos próprios países desenvolvidos. Outro fator que reforça de forma decisiva a ampliação dessa lógica é justamente o que se chamou de financeirização do capital, ou expansão fictícia, o que antes era uma tendência predominante nos centros imperiais vem se tornando uma realidade generalizada, causando desindustrialização e favorecendo uma acumulação financeira em detrimento da ampliação do capital produtivo, que contraditoriamente é justamente o que dá a possibilidade para o capital se reproduzir em escala ampliada.

---

<sup>9</sup> Essa afirmação é desenvolvida na dissertação de Mestrado que dá origem a este artigo.

Algumas das tendências clássicas do imperialismo operam de forma ainda mais clara que no princípio do século XX. A concentração da produção e do capital atinge novos patamares com o advento das corporações multinacionais (ou transnacionais, mas que na verdade tem bastante definidas suas bases nacionais e a vinculação com um dos centros imperialistas) e da criação dos fundos de investimento e pensões. Opera-se uma nova forma de fusão onde as empresas “produtivas” acabam tendo boa parte de sua gestão determinada pela lógica financeira, o que tem como consequência as tendências de queda da taxa de investimento e de desindustrialização.

A oligarquia financeira que já era dominante àquela época, hoje, através da propagação da lógica financeira e da concentração de capitais, permitida pela criação destes fundos, atinge patamares ainda mais significativos, de forma que se pode perceber claramente que as próprias políticas “sugeridas” pelas instituições “multilaterais” ou pelos centros imperialistas são justamente as políticas que beneficiam essa camada específica da burguesia.

A exportação de capitais atinge novas perspectivas, na medida em que a dominação e a apropriação do excedente global se dão na atualidade através da acentuação dos mecanismos que garantem a transferência da mais-valia produzida em todo o globo, em especial na periferia, que é apropriada, via mecanismos financeiros (através da especulação, dos pagamentos de royalties, dividendos, juros, e lucros dentre outras formas “inventadas” pelo imperialismo) no centro do capitalismo e de forma substancial nos Estados Unidos.

Na nova fase parte da produção física imperialista se transfere para a periferia. Exporta-se a produção para países com a Índia e a China, de forma que esses movimentos fazem hoje, parte do processo mais geral de ampliação da superexploração do trabalho, na medida em que a transferência de produção para esses países implica em aumento do desemprego de uma força de trabalho que tem seu valor (historicamente construído) mais alto, em favor de trabalhadores mais “facilmente” superexplorados. Trabalhadores que, por já terem sua força de trabalho determinada historicamente em um patamar menos elevado, são submetidos a uma situação especialmente perversa devido a necessidade de redução ainda maior deste valor.

Dois outros elementos, o domínio do mundo pelas associações monopolistas e a partilha territorial do globo entre as principais potências imperialistas acabam se combinando. Isso ocorre na medida em que o domínio do globo (não necessariamente territorial da forma clássica) se dá, preferencialmente, através das associações monopolistas, que se apóiam em seus Estados sedes, e através do domínio não explícito empreendido pelas áreas de livre-comércio e instituições multilaterais.

A disputa se dá entre as diferentes empresas, sediadas, quase que em sua totalidade, praticamente naqueles mesmos países que já eram apontados no texto de Lênin (1984) como sendo os países centrais do capitalismo. Mas a divisão territorial do globo vem ocorrendo também através

da conquista direta, que caracterizou o período colonial, mas agora sobre o pretexto de “guerras humanitárias”, que se apresentam como formas de garantir ao imperialismo mais poderoso fontes de recursos naturais.

A agregação teórica feita pela teoria da dependência à teoria do imperialismo, que é a apreensão teórica do mecanismo de funcionamento das periferias, que tem como resultado um processo de acumulação onde parte da riqueza realizada internamente a estes países só se realiza fora destes. De forma que em função desse mecanismo, para que possa haver uma expansão do capitalismo em termos nacionais, opera-se nesses países um processo de superexploração da força de trabalho, permitindo que mesmo tendo parte de seu excedente apropriado externamente ainda possa restar excedente para garantir a reprodução ampliada do capital. Essa compreensão já agregava a teoria clássica do imperialismo o entendimento de que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, longe de serem antagônicos ou fases que se sucederiam, são complementares e se apresentam no capitalismo com a obrigação de coexistência, de forma que a acumulação “travada” da periferia favoreceria a acumulação “virtuosa” do centro.

Esta funcionalidade se torna ainda mais importante para a compreensão da forma como se manifesta o sistema capitalista na sua etapa denominada como imperialismo senil. Pois se esse mecanismo já tinha funcionalidade para o centro do capital ele atinge patamares ainda maiores.

Ocorre que parte da produção de mais-valia, que é responsável pela dinâmica do centro capitalista e que alimenta os mercados financeiros, está sendo produzida justamente na periferia, de forma que aumenta a importância do processo de expropriação da mais valia das periferias. O que se dá agora também, e de forma fundamental, através do pagamento de juros das dívidas externas (impagáveis) destes países, o que se soma ao grande índice de controle das empresas “nacionais” por capitais estrangeiros, em especial após as ondas de desregulamentação e abertura (anos 1980 e 1990), o que aumenta a transferência de mais-valia produzida internamente a esses países e expropriada para os centros imperialistas. Outro aspecto importante é que a necessidade da superexploração da força de trabalho se generaliza, não é mais exclusiva da periferia, esta “necessidade” foi exportada para o centro do capitalismo.

Essa é a cara do imperialismo que é senil, nele a existência da própria humanidade vem sendo questionada. Longe de ser a representação de uma “era de diamante”, já que o período do *Welfare State* foi chamado de “era de ouro”, a contemporaneidade, se olhada com mais cuidado sem as “lentes turvas” impostas pelo capital financeiro, é a expressão mais intensa de todas as tendências destrutivas do capitalismo. Longe de deixarem de ser importantes, as teorias do imperialismo e da dependência, adquirem importância renovada. A tarefa daqueles que se propõe desenvolver a teoria marxista tem como capítulo especial a releitura das contribuições dos clássicos do imperialismo e da dependência e a observação do aprofundamento daquelas tendências.

Deve-se contribuir para desmistificação da realidade na academia e na luta de classes concreta. A apreensão teórica não pode ser separada desta luta. O movimento das massas também sofre as pressões impostas pelo imperialismo, grupos ditos de esquerda, muitas vezes defendem políticas e alternativas dentro do próprio capitalismo como se esse sistema tivesse se firmado como única alternativa possível. Mostrar que a forma de expressão do capitalismo na atualidade, que alguns chamam de neoliberalismo, não é outra coisa senão o próprio capitalismo, significa desmistificar a possibilidade atual de um sistema capitalista não neoliberal. A contribuição deste trabalho se dá sob a perspectiva de que a modificação da lógica e das consequências do capitalismo teria de ocorrer através da sua própria negação, ou seja, de uma luta anticapitalista, que para se tornar anticapitalista seria primeiramente antiimperialista de forma que questionasse os próprios fundamentos e a própria sustentação do sistema.

## **Bibliografia**

AMIN, Samir. “Capitalismo, imperialismo, mundialización”. In: SEOANE, José & TADDEI, Emilio (orgs.). *Resistencias mundiales (De Seattle a Porto Alegre)*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/seattle/presentacion.pdf>>

\_\_\_\_\_. “A senilidade do capitalismo: entrevista ao economista egípcio Samir Amin por Pedro de Oliveira”. *Resistir.info*, 2002. Disponível em: <[http://resistir.info/samir/s\\_amin.html](http://resistir.info/samir/s_amin.html)>

BALANCO, Paulo. “As transformações do capitalismo: elementos teóricos para a composição de uma dialética da globalização”. In: *Anais IV Encontro Nacional de Economia Política*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Economia Política, 1999. Disponível em: <<http://www.mesteco.ufba.br/scripts/paulobalanco/arquivos/39.doc>>

BORON, Atilio A. “Prólogo”. In: BORON, Atilio A. *Imperio e Imperialismo: una lectura crítica de Michael Hardt y Antonio Negri*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2002. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/imperio/prolog1.rtf>>

\_\_\_\_\_. “Hegemony and imperialism in the international system”. In: BORON, Atilio A. *New worldwide hegemony. Alternatives for change and social movements*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2004. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/hegeing/Boron.pdf>>

BUKHARIN, Nikolai Ivanivitch. *A Economia Mundial e o Imperialismo: esboço econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. “Dialética do Desenvolvimento Periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e alternativas de desenvolvimento”. In: *IV Colóquio Latino-Americano de Economistas Políticos*. São Paulo: Sociedade Latino-America de Economistas Políticos, 2004.



CECEÑA, Ana Esther. “Estados Unidos: reposicionamento hegemônico para o século XXI”. In: MARTINS, Carlos Eduardo; SÁ, Fernando, BRUCKMAN, Mônica (orgs.). *Globalização: dimensões e alternativas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

COSTA, Edmilson. *Para onde vai o capitalismo? Notas sobre a globalização neoliberal e nova fase do imperialismo*. Montevideo: Encontro das Revistas Marxistas, 2000. Disponível em: <<http://globalization.sites.uol.com.br/Paraondevai.htm>>

DOS SANTOS, Theotônio. “The structure of dependence”. In: *The American Economic Review*. May, 1970.

\_\_\_\_\_. *Imperialismo y Dependencia*. Ciudad del México: Ediciones Era, 1978.

DUMENIL, Gérard. & LEVY, Dominique. O Imperialismo na Era Neoliberal. In: *Crítica Marxista*, São Paulo: Ed. Revan, nº 18, 2004.

HARVEY, David. “El ‘nuevo’ imperialismo: acumulación por desposesión”. In: PANITCH, Leo & LAYES, Colin (orgs.). *El nuevo desafío imperial*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2004. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/social/social.html>>

LÊNIN, Vladímir Ilitch. “O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo”. In: *Obras Escolhidas em seis tomos de V. I. Lênine*. Lisboa: Edições Progresso, 1984. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/>>

\_\_\_\_\_. “Prefácio de A Economia Mundial e o Imperialismo: esboço econômico”. In: BUKHARIN, Nikolai Ivanivitch. *A Economia Mundial e o Imperialismo: esboço econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1984b.

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação de capital: contribuição ao estudo econômico do Imperialismo*. Volume II. São Paulo: Abril Cultural, 1984a.

\_\_\_\_\_. “A acumulação do Capital ou O que os Epígonos Fizeram da Teoria Marxista – Uma Anticrítica”. In: LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação de capital: contribuição ao estudo econômico do Imperialismo*. Volume II. São Paulo: Abril Cultural, 1984b.

MARX, Karl & ENGELS, Frederic. “A Ideologia Alemã”. In: *Obras Escolhidas em três tomos*. Editorial Avante!, 1924. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm>>

MORAES NETO, Benedito. “Socialismo e forças produtivas: notas para o entendimento do novo”. In: GALVÃO, Andréia; GUTIERREZ, Andriei; LAZAGNA, Ângela; BOITO JR, Armando; TOLEDO, Caio Navarro de; MARTUSCELLI, Danilo; FERRONE, Fernando; DE CASTRO, Flávio; FARIAS, Francisco; AMORIN, Henrique; MENDES, Luziano; ZARPELON, Sandra (orgs.). *Marxismo e socialismo no século 21*. São Paulo: Xamã Editora, 2005.

SOUZA, Sabrina de Cássia Mariano de & CARDEAL, André Morato Dias. “Para uma Crítica ao Pensamento Único”. In: *Anais XI Encontro Nacional de Economia Política*, Vitória: Sociedade Brasileira de Economia Política, 2006.

WDI. *World Development Indicators*. World Bank, 2006.